

COMPUTAÇÃO E MÚSICA EM CURITIBA

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo em 25 de agosto de 2000)

Sempre que comento com pessoas sobre Música Eletroacústica ou Música feita por Computador, vejo nelas um certo ar de espanto e desconhecimento. Algumas tentam alguma referência para se situar, e perguntam se é algo parecido com o que faz Jean-Michel Jarre, ou com a chamada New Age, Kitaro, Vangelis, e outros mais.

Pois não é nada disso. Ou é também um pouco de tudo disso...

Esse tipo de música teve suas origens lá pelos finais da década de 1940, quando um francês chamado Pierre Schaeffer apresentou um concerto com músicas feitas a partir da gravação de sons e de sua manipulação por alguns aparelhos que, aliás, hoje nos parecem até meio “jurássicos”. Pouco tempo depois apareceu um outro grupo de músicos, dessa vez em Colônia, na Alemanha, que começava a produzir músicas cujos sons eram todos gerados por aparelhos eletrônicos.

Da primeira experiência, francesa, surgiu a Música Concreta, e da segunda, alemã, a Música Eletrônica. Não demorou muito para que as duas se fundissem, dando origem à Música Eletroacústica. Essa é, então, o resultado de uma mistura de sons produzidos eletronicamente e de sons naturais os mais diversos, que são gravados e manipulados por aparelhos eletrônicos. No início, ela tinha um processo de composição bastante artesanal: o compositor gravava os diversos sons em fitas de rolo, modificava-os conforme suas intenções estéticas (com aparelhos apropriados) e, para fazer a seqüência musical, cortava com tesoura e colava com uma espécie de durex, partes das fitas gravadas umas nas outras, dando assim o resultado final da obra. Era até que divertido, mas exigia uma grande precisão no corte, e uma rigorosa organização com os pedaços de fita magnética que acabavam sendo enrolados no pescoço do compositor ou pendurados pelas paredes com bilhetinhos para identificá-los.

Claro que não tardaria para que o computador viesse a mudar essa técnica. E hoje nós temos uma música que é feita com o uso de muitas máquinas, pois aos

computadores se agregam diversos periféricos como processadores de efeitos, sintetizadores de amostragem, e os mais diferentes tipos de programas.

Quando isso tudo começou a ser conhecido, a primeira desconfiança que brotava nas pessoas, músicos ou não, era de que o resultado dessa prática seria uma música que não seria exatamente música, uma vez que era feito pela máquina. Hoje já se tem a idéia e a certeza de que o computador nada faz sem um bom operador atrás dele. Sabe-se então que essa música também depende do talento e da maestria do compositor para tratar com os seus elementos.

Mas enfim, toda essa introdução foi para dizer que, ultimamente, Curitiba tem oferecido várias oportunidades aos interessados e curiosos em assistir concertos de músicas feitas por computador, com técnicas da mais alta tecnologia, sem precisar viajar para fora.

No mês de julho Curitiba sediou, pela primeira vez, o VII Simpósio de Computação e Música. Além dos relatos de pesquisa e palestras, houve três concertos de "computer music", apresentando composições de músicos do mundo inteiro e também de brasileiros.

No início de agosto, a Orquestra Sinfônica do Paraná fez um concerto, no Canal da Música, em que apresentou uma peça cujo "solista" era o computador: uma verdadeira união entre os instrumentos tradicionais com a tecnologia. Aliás, o compositor desta obra, Rodolfo Coelho de Souza, Doutor pela Universidade de Austin no Texas, acaba de ser contratado pela Universidade Federal do Paraná, e fará parte do corpo docente do Curso de Música - Produção Sonora, curso novo e pioneiro no Brasil, que terá início em março de 2000.

Acho que a tendência é de que tenhamos cada vez mais atividades musicais utilizando as novas tecnologias. Vale a pena, nas próximas vezes, ir conferir!

Bernadete Zagonel é Professora Titular da UFPR; Doutora em Música pela Sorbonne, Paris.